

## ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA: PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA ESCOLA TENGATUÍ MARANGATÚ

**Vanessa Rodrigues de Oliveira Alencar<sup>1</sup>; Sandra Espíndola<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Estudante do Curso de Letras da UEMS, Unidade Universitária de Dourados; e-mail: vanessaalencar\_@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora do curso de Letras/ habilitação Inglês da UEMS, Unidade Universitária de Dourados; e-mail: sandraesp@brturbo.com.br

**Área Temática:** Educação

### **Resumo**

Considerando que é preciso despertar o domínio das várias modalidades da língua nos educandos, para que tenham a capacidade de entender essa língua em seus diferentes aspectos, como a oralidade, a interpretação, a gramática e a produção textual, e orientando esse saber para a efetiva realização da comunicação e da criticidade nosso propósito com esse projeto foi justamente propor um ensino de língua na perspectiva da interação social, do domínio das várias modalidades da língua e suas funções, na sala de alfabetização da Escola Municipal Indígena Tengatuí Marangatu, na Aldeia Jaguapiru da Reserva Indígena Francisco Horta Barbosa. Esse projeto visa a auxiliar o docente que, num trabalho solitário atende crianças, não só em processo de alfabetização, mas também àquelas que estão em séries mais adiantadas e cujas dificuldades com a língua escrita e falada são evidentes. Trata-se de uma sala de reforço oferecida pela própria escola que faz parte do projeto “Programa de Acompanhamento Escolar” – PAE, que recebe crianças do primeiro ao quinto ano das séries iniciais. O trabalho se realiza duas vezes por semana no período matutino, sendo que os outros dias são para organizar e planejar as aulas e estudar os subsídios teóricos necessários. Esse trabalho se justifica tanto pelo fato de ser apenas uma professora por turma, isso dificulta o atendimento eficaz às crianças, quanto pelo fato de o(a) acadêmico(a) de graduação necessitar dessa experiência em sala de aula, e o resultado positivo desse trabalho já vem sendo notado não apenas na oralidade das crianças, mas também na leitura e na produção escrita delas.

**Palavras-Chave:** Cultura.Ensino.Aprendizagem.

## **Introdução**

Através de observações realizadas por meio de ações extensionistas, no ano anterior, constatamos que, nessa escola a grande maioria dos alunos chega ao terceiro ano do ensino fundamental sem dominar a leitura e a escrita da língua portuguesa. Constata-se que o problema começa no processo inicial de alfabetização e letramento dessas crianças. Uma das causas poderia ser a preferência dos professores pelo ensino tradicional, talvez por ser mais fácil, ou porque só conhecem essa forma para alfabetizar. Entende-se aqui por “tradicional” o ensino cuja perspectiva única são as regras que definem o funcionamento da língua, ou seja, valorizar algumas normas em detrimento de outras, tendo aquelas um valor maior, como uma língua “ideal” em detrimento de “erros” cometidos pelos falantes, sobretudo na escrita. (MATOS E SILVA, 2004).

Geralmente quando se fala em alfabetização é essa a perspectiva de ensino que grassa em nossas escolas. Quando se fala em “letramento”, no entanto, a perspectiva muda e se torna mais abrangente. Apesar de ser um conceito relativamente novo, o letramento alarga as possibilidades de alfabetização, pois abarca as mais diversas práticas sociais da escrita, não necessariamente precisa ser alfabetizado, mas interagir de forma natural com a sociedade letrada, como reconhecer um sinal de trânsito ou o rótulo de um produto ou de um remédio. Para Marcuschi (2001, pág. 25) “Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita”.

O projeto se justifica por conta da escola não ter aparato suficiente para as necessidades das crianças, ou seja, as salas são bastante heterogêneas e numerosas, dificultando o trabalho de apenas uma professora por sala, há pouco material didático disponível, apesar de ter um laboratório com computadores e um projetor de slides para todos (deve ser agendado). Outro motivo relevante para o projeto ser realizado é a oportunidade de pôr em prática nossa teoria acumulada na sala de aula e o estabelecimento das relações sociais com a escola em si: o espaço escolar, o funcionamento da escola, os funcionários, os professores e, por fim os alunos. Permeando tudo isso está a língua indígena, que é a língua que estabelece as relações sociais na Aldeia e que deve ser levada em consideração, pois a língua portuguesa entra como segunda língua.

Sabedores que somos do esforço das escolas e professores em introduzir seus alunos no mundo da leitura e da escrita, sem, no entanto obterem muito sucesso, uma vez que poucos estão alcançando seu objetivo, que é de fazer essas crianças saírem do ensino fundamental

compreendendo-se cidadãos participantes de uma sociedade exercendo seus direitos e deveres de toda a ordem, bem como agindo de forma solidária e cooperativa em seu meio. Nosso trabalho será pautado na leitura e produção de textos pequenos: tanto literários quanto não-literários, enfocando alguns gêneros que interessam a essa faixa etária. Os exercícios com a língua serão orais e escritos, estabelecendo sempre as relações intertextuais e o trabalho com o signo lingüístico e não só a palavra dicionarizada. A leitura e a discussão dos pequenos textos serão o mote necessário para outras atividades.

## **Material e Métodos**

As aulas do projeto acontecem de forma prática e dinâmica, embasadas na leitura dos diferentes gêneros textuais, como contos, fábulas, poemas, filmes, slogan publicitários, histórias em quadrinhos, bem como textos (curtos) científicos, informativos, reportagens, documentários, etc, assim por meio dessa abordagem lúdica, a ação desperta a criatividade e criticidade dos alunos. Essa metodologia está calcada em pressupostos teórico-metodológicos da Lingüística Textual, da Semiótica, da Análise do Discurso, da Pragmática, da Literatura Infantil, enfim das ciências lingüísticas voltadas ao ensino, com o intuito de se trabalhar os vários níveis de leitura e do universo textual oral e escrito. Todo esse arcabouço teórico-metodológico também contribui para a análise lingüística, especificamente no que se refere à alfabetização e à escrita.

Prática de alfabetização está totalmente inovadora e diferenciada dos modelos ditos “tradicionais”, pois o alfabetizar deve estar interligado às práticas de letramento, no qual o conteúdo parte de várias situações sociais e culturais, que são encontrados nos gêneros textuais e fazem parte da vida real de todas as crianças. Claro que nem sempre há ampla prática social de letramento dentro da Reserva, sobretudo na língua materna indígena, no entanto, em português há os livros e o convívio na cidade, onde eles ouvem e interagem com essa segunda língua de forma efetiva.

Para fechar cada etapa do processo leitura e alfabetização, os alunos elaboram um texto coletivo, eles criam a história individualmente e, em seguida ela é reescrita por todos, em conjunto, e eu a reescrevo num papel pardo. Terminado esse trabalho o texto é fixado na parede da sala, para valorização do trabalho de todos. No decorrer do projeto, as atividades vão ficando mais complexas, na medida em que os alunos já consigam escrever seu próprio texto (em grupos e em seguida individual) com minha ajuda.

Nas aulas de leitura especificamente, o projeto oferece vários livros de histórias

infantis com as ilustrações maiores que a escrita. Sendo as estórias contadas de forma agradável, (teatro, fantoches, dedoche) numa forma lúdica de iniciar nas crianças o prazer pela leitura bem como, para que os alunos, através dos textos, conheçam as letras do alfabeto sem se sentirem pressionados.(FREIRE, 1996).

Após essas leituras, os alunos farão suas próprias versões, assim incentivando a sua criatividade, além disso, propomos para que, mesmo sem saber escrever, eles escrevam, para que desde do início tenham contato com a escrita. (KAUFMAN, 1994).

Também trabalhamos com filmes relacionados com às obras da literatura, em seguida, faz-se a proposta da produção de pequenos textos abordando algumas das temáticas desse filme. A avaliação tem sido constante e contínua, de várias formas, inclusive com trabalhos desenvolvidos em grupos e observados pelo professor, para que ele perceba a evolução de cada um, dessa forma inserido numa perspectiva de um planejamento flexível, para realizar as alterações pertinentes a cada item trabalhado. Da mesma maneira é realizada a avaliação individual.

## **Resultados e Discussão**

Por tudo isso, chegamos à conclusão de que a aprendizagem da leitura e da escrita não se dá espontaneamente, ao contrário, exige uma ação deliberada por parte de toda a estrutura da escola, desde diretor, coordenadores, funcionários, mas, sobretudo do professor e exige dele, portanto, não só uma qualificação e uma dedicação, mas acima de tudo comprometimento e interesse pelo que faz, bem como pelos seus alunos. Exige planejamento do professor, por exemplo, assiduidade, diversidade das atividades, continuidade dessas atividades de aprendizagem, além disso tudo, devemos levar em consideração as experiências que a criança teve ou não em relação à leitura e à escrita. Incluem, também, os critérios que definem o estar alfabetizado no contexto de uma cultura como no nosso caso é a cultura indígena. Com apenas meio ano de projeto já se percebeu o avanço das crianças com relação à leitura e à escrita, o prazer pela leitura e pela produção textual ficam evidentes a cada aula e o aprendizado que temos conquistado é único.

## **Agradecimentos**

À Escola Tengatuí Marangatú, pelo espaço concedido para nossas práticas.

À PROEC, pelo apoio.

À UEMS pela bolsa.

### **Referências Bibliográficas**

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro:paz e terra,1996.

KAUFMAN, Ana Maria. *A leitura a escrita e a escola: Uma experiência construtivista*. Porto Alegre: Rio Grande do Sul: Artes Médicas Sul Ltda. 1994. p.41-52.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita – atividades de retextualização*. São Paulo:Cortez, 2001.

MATTOS, Rosa Virgínia e SILVA. “*O português são dois...*”: *Novas fronteiras velhos problemas*. São Paulo: Parábola. 2004. p.32-7.